

# ANTÓNIO SALVADO

Entrevistado por Maria Augusta Silva

SETEMBRO 2004

Licenciado em Letras, António Salvado nasceu em Castelo Branco. A sua obra tem recebido distinções, inclusive no estrangeiro, entre as quais o Prémio Chinaglia/Personalidade Cultural, da União Brasileira de Escritores, Medalha de Mérito Cultural do Ministério da Cultura de Portugal, Medalha de Mérito da Universidade Pontífica de Salamanca e Diploma de Honra da Asociación Universitaria Ibero-americana de Postgrado.

Poeta, ensaísta, tradutor, dirigiu ainda o Museu Francisco Tavares Proença Jr. Enquanto professor, marcou muitas gerações. Autor de obras como *Pausas de Aedo* ou *Águas do Sono e Entre Pedras, o Verde* (da Palavra em Mutação).

## **É um panteísta?**

De certo modo. O criador, para mim, está em toda a natureza. E ao poeta compete ir ao encontro dessa maravilha da criação para a louvar ou para a criticar se necessário. Quantas vezes o poeta critica a própria criação mesmo que em seguida venha com um pedido de perdão.

### **Será na terra que se concretiza a ressurreição de tudo?**

É na terra. Não sei versos meus de cor, mas essa é uma ideia que aparece muito na minha poesia. É da terra que a gente vem e à terra voltamos. Do ponto de vista teológico, estou a dizer uma banalidade, no entanto os poetas conseguem dar-lhe outra dimensão. Creio ser isso que a minha poesia tem procurado explicitar: a origem e o regresso.

### **Filosofia do eterno retorno?**

Não tem que ver com o mito do eterno retorno. Prende-se com a conceção panteísta. A percepção de que nada vai terminar, de que, continuamente, a vida renascerá nem que seja da própria morte.

### **Na sua poesia, a própria mística funde-se nas giestas, nas aves, nas lajes...**

Há nela uma correspondência ao apelo, àquela voz que sabemos que existe mas ninguém sabe verdadeiramente consubstanciar. É nesse sentido que o poeta caminha.

### **As grandes lutas do poeta acabam por fundar-se na dúvida?**

A dúvida que o poeta, por vezes, equaciona nos seus versos não é a descrença ou não-crença. É uma dúvida relativamente à perfeição, o imperfeito em busca do perfeito. É aí que surge o desespero. Uma luta muito interior que vai concretizar-se no poema.

### **Novo livro, *Entre Pedras, o Verde*. Este verde é ainda um pólen reprodutor?**

Um verde real. Este verde é, em larga medida, o verde de Monsanto da Beira, um lugar mágico. Não haverá poeta que não utilize a palavra silêncio, contudo, há tempos, em Monsanto da Beira, eram dez e tal da noite, eu comentava para alguém: eles falam do silêncio

mas não sabem o que é o silêncio. Isto é que é realmente o silêncio — o peso tremendo e ao mesmo tempo maravilhoso do silêncio. Julgo haver no que escrevo essa envolvência, toca o planeta Terra.

### **Tem uma relação parental com a natureza?**

Visceral. Mesmo quando vivi em Lisboa e não tinha outra natureza à mão, os meus lugares eram os jardins. Mas não digo que a cor da esperança é o verde, porque a cor da esperança, para mim, é o azul. Aí temos outra via, outra vereda. A ânsia do azul, o além.

### **De tal forma que os ciprestes na sua poesia não são árvore dos cemitérios mas sim uma árvore apontada ao azul...**

O cipreste nunca pertenceu à morte. Estou a ver numa cidade do interior onde tenho vivido, frisos de ciprestes lindíssimos, essa cidade é um castelo.

### **Que se passa no nosso país com um «sol do Verão» a matar todo o verde, nomeadamente na região de Castelo Branco, onde vive?**

Incêndios, uma tristeza. Nos meus próximos livros, essa inquietação vai estar presente. Não é só para lamentar o desaparecimento daqueles pulmões puros, é também para me entristecer com isto: afinal, aquilo a que chamamos civilização, educação, cultura e desenvolvimento permite que A ou B ande a incendiar? A situação complica-se ainda mais: há dias ouvi que um jovem algarvio incendiou por vingança. Será que se queima só por vingança? A grande interrogação que, a meu ver, tem de ser feita é esta: por que só arde determinada vegetação, regra geral pinheiros?

### **Quando se fala no interior do País julga-se que são regiões culturalmente apagadas, todavia a realidade prova o contrário. Miopia dos centros do poder?**

Há imensas potencialidades no interior do País (de Bragança a Vila Real de Santo António). Seria necessário que as estruturas culturais, estatais ou privadas, se entendessem. Competiria depois às autarquias acionar um programa previamente alicerçado. Não é com a descentralização que este governo pretende fazer que se fica a conhecer melhor a realidade do interior português. Não é por se mudar uma secretaria de Estado que a questão se resolve. Mas, como dizia o Prof. Jorge Dias, os portugueses são um povo difícil de governar.

### **Somos, contudo, um povo pequeno...**

A Espanha conseguiu algo de espantoso: a regionalização. Cada região espanhola goza de uma autonomia que vai da economia à cultura. Hoje, a universidade da Estremadura não é menos importante do que as universidades de Madrid.

### **Como tem conseguido manter a edição dos *Cadernos de Cultura Medicina na Beira Interior*?**

Aí está um exemplo. Essa revista é, hoje, em Portugal, a única que se publica sobre a história da medicina, da pré-história e já até ao século XXI. E publica-se em Castelo Branco, com a colaboração de um médico que tem desenvolvido também um trabalho notável no combate à dor, o Dr. António Lourenço Marques. Entretanto, em outubro do ano passado, retomámos a revista de cultura *Estudos de Castelo Branco*. Outro exemplo: veja-se o projeto admiravelmente concretizado pela pianista Maria João Pires, em Belgais. Movimentou todas aquelas comunidades, nomeadamente com a criação de coros infantis.

### **Apaixonado pela museologia, acha que os nossos museus precisavam de ganhar outra dinâmica?**

Houve um tempo em que todo o museu tinha uma exposição. Só que tudo isto se vai diluindo, revelador de que algo está mal.

### **Sente-se um peregrino?**

Não o da peregrinação da alma de que nos fala Gil Vicente, mas sim o peregrino que vai atravessando o dia-a-dia.

### **Tem, aliás, um livro intitulado *Os Dias...***

É a captação do instante, do mínimo, a atenção à surpresa, a atenção à riqueza extraordinária que é viver, que é peregrinar, que é caminhar-se. Peregrinação que, do ponto de vista da própria existência, determina as etapas que o poeta corre no seu desespero e na sua esperança.

### **Ao escrever *Há sempre um temporal que me fustiga*, será o pessimismo a dominar o poeta, apesar de falar da riqueza extraordinária que é viver?**

Na minha poesia aparece com alguma insistência a palavra esperança, porém encontra-se também uma outra: a palavra desespero. São duas balizas. Se tivesse que me definir, diria que sou essencialmente um poeta desesperado, um poeta que não consegue encontrar a conciliação.

### **Não vive em paz?**

Não. Não consigo. Embora na minha poesia (e na de outros poetas) apareça o desejo, aí do poeta que encontra solução para a luta entre a esperança e o desespero.

### **Em alguns dos seus poemas verifica-se uma intertextualidade com a poesia camoniana. Tem que ver com o desespero e a esperança?**

Desde muito novo encontrei em Camões essa dualidade que o grande poeta tentou solucionar mas que, felizmente, não solucionou, tanto na lírica como na poesia épica. Não há, aliás, poema mais lírico do que *Os Lusíadas*. Mesmo dentro do seu patriotismo, tudo aquilo é uma alma que se confessa. Se Camões fez corresponder *Os Lusíadas* ao povo português, a Vasco da Gama, a D. Sebastião ou a outros heróis, não me interessa.

### **No discurso amoroso, a lírica de Camões não lhe está mais próxima?**

Não sigo a linha camoniana do amor quando o poeta canta uns olhos muito azuis. Identifico-me com um Camões que sente «aquela triste e leda madrugada» ou a presença da morte através da morte da sua Dinamene, e canta «alma minha gentil que te partiste».

### **Estou a lembrar-me de um poema seu que dialoga com esse soneto de Camões...**

E digo com toda a sinceridade e sem complexos: sou devedor a Camões de muito, muito, muito. Não foi só nele que bebi a atração pelo classicismo mas já lhe pedi emprestados títulos de livros como *Estranha Condição*. E Camões, ao saber do meu amor tão profundo e sincero, autorizou. Sou um admirador não só de Camões, tenho uma grande admiração pelos nossos poetas, com eles aprendi muito, desde os trovadores até ao mais jovem que me envia o seu livro e me pede uma opinião. Sou sempre devedor a tudo.

### **Há a ideia de que a poesia é a arte suprema, julga que sim?**

Tinha receio que viesse perguntar-me o que era para mim a poesia porque não saberia responder-lhe. Penso que nunca ninguém conseguiu defini-la verdadeiramente. Porque há de ser a poesia a arte suprema? Se existe uma arte suprema, na minha opinião é a música. É na música que vejo aquela dimensão extraordinária que

permite a adivinhação, que permite sentir no que ouvimos aquilo que interiormente desejamos.

**Cada palavra na sua poesia tem um som durável, realiza assim esse gosto, essa intensidade musical?**

Talvez porque sou cuidadoso com as palavras.

**Parece, no entanto, ter uma poesia de espontaneidade, apesar do apuro...**

Nota-se muito, nos nossos poetas, um recurso aos mesmos vocábulos, um léxico reduzido, porém a nossa língua é muito rica. Julgo que os meus poemas patenteiam (não sei se é qualidade ou defeito), uma riqueza de vocabulário.

**Riqueza de vocabulário que se prende com a interioridade mas também com a circunstância exterior?**

Não sendo uma poesia circunstancial, é uma poesia da circunstância, do momento e, também, uma poesia de experiência. Tudo corresponde a um enriquecimento interior. No poeta, isso é uma acumulação de dados, que, um dia, subitamente, sem se saber porquê, transforma-se em tensão. Essa tensão tem de ser materializada. E o poeta faz dele certas palavras para realizar essa materialização.

**Consegue o poeta fazer com que as palavras comuns tenham um outro significado?**

Ao analisar-se um texto poético, há sempre a tendência para se dizer: *isto é banal, vulgar*. Puro engano. Por vezes, é bem conscientemente que o poeta utiliza um termo vulgaríssimo. Se o crítico alcança isso ou não, esse é outro assunto.

**Também é crítico literário. Julgar os outros torna-se complicado?**

O crítico não tem de julgar. Deve analisar, apresentar o livro, cenários, personagens. Valorar ou desvalorizar não é próprio da análise. Sabemos bem que o que hoje está no cume amanhã não é nada.

**Além da musicalidade, a sua poética tem afinidades com as artes plásticas. Encontro com o movimento da cor?**

É a atração por formas, embora não seja um construtivista. Mesmo no abstrato existe sempre uma forma. Mas a música é a minha companheira e não só a clássica.

**Organizador de diversas antologias, que o motivou em especial para antologiar uma poesia da religiosidade?**

Com exceção de uma antologia de Régio e talvez mais duas ou três, raros avivaram, numa perspetiva diacrónica, uma matéria tão significativa da poesia portuguesa. Naquilo que organizei não há uma atitude apologética, apenas a preocupação de tentar mostrar um núcleo riquíssimo que insere a chamada poesia religiosa.

**Os grandes labirintos de si, literariamente realiza-os melhor na prosa poética ou no verso mínimo?**

Não distingo. Casais Monteiro (outro dos grandes e tão esquecido) tem um poema em que defende: «Dizer, diz a prosa.» Em certas circunstâncias, para dizer é melhor deixar a caneta singrar por esse rio.

**Não terá a poesia uma outra forma de dizer mais por meio da ocultação, da elipse, da metáfora?**



O poeta é aquele que reconstrói. Retorna uma vivência, uma tensão no momento em que escreve, no entanto não pode afirmar a pés juntos se isso foi real ou não. Está a reconstruir e talvez essa seja uma margem muito interessante da poesia, a que permite reviver-se. Ao estudar-se um poeta ou outro escritor, o elemento biográfico não tem importância nenhuma.

### **No momento da escrita dá-se o transe?**

Há um confronto entre emoções que procuram vazar-se e harmonizar-se.

### **Alguma vez o poeta conseguirá conhecer-se a si próprio?**

Impossível. Se conseguisse atingir esse grau, talvez se fizesse monge, talvez chegasse ao encontro com Deus. Mas duvido que algum poeta tenha encontrado Deus.

### **Como vive o poeta que diz: *Nasci para partir/ continuamente até ao fim do espaço?***

Tem que ver com a peregrinação. É uma viagem contínua, uma viagem que não se faz em linha reta, é quase um círculo. É dentro desse círculo que o poeta vive.

### **A poesia não será também uma evasão, uma maneira de sair do círculo?**

Há uma evasão, o gosto de escrever, mas também muito estremeamento interior, muita insatisfação. Nem sempre o ato de escrever poesia corresponde a uma serenidade. Ninguém me diga isso que não acredito. Pelo contrário: a inquietação persiste.

### **Curiosamente, tem uma poesia serena...**

Tenho essa preocupação. Não quero que o leitor fique tão inquieto como eu. Desejo que o leitor sinta: *ele escreve esta tristeza para que eu, leitor, consiga superar a minha tristeza, para que eu consiga ser uma pessoa livre.*

**Vitor Hugo defendeu que «a melancolia é a felicidade de ser triste», será?**

Mas é mesmo.

**Conte-me uma alegria sua...**

O nascimento dos meus filhos.

**De certo jeito, deseja o poeta alterar a ordem do mundo?**

José Gomes Ferreira escreveu: «Ai do meu filho se não quiser alterar o mundo.» Creio, no entanto, que o poeta não cai na veleidade de querer alterar o mundo. Porém, naquilo que comunica pode dar-nos um caminho. Há, contudo, fenómenos que não entendo. Custa-me a entender a guerra, a fome. As chacinas, os interesses, o capitalismo desordenado são cada vez maiores.

**A velha luta entre o Bem e o Mal?**

Digo num dos meus poemas que a esperança era uma deusa que desceu à terra, viu a infelicidade dos homens mas apaixonou-se por eles e trocou a sua qualidade de deusa para viver junto dos homens e nunca os abandonar.

**É como homens e entre os homens que temos de viver...**

Não pode ser de outra maneira.